

RELIGIÕES E GEOPOLÍTICA

Desde 11 de setembro de 2001, fala-se de maneira enfática do "choque de civilizações". Essa expressão foi difundida pelo professor da Universidade de Harvard, Samuel Huntington, especialista em questões de relações internacionais do Departamento de Estado e autor de livro do mesmo nome. Essa mesma expressão foi utilizada por Fernand Braudel em *Grammaire des Civilisations*, 1997, Paris. Trata-se, sobretudo, do choque entre religiões. Huntington e Braudel atribuem importância à dimensão espacial das grandes religiões.

A tese de Huntington é a matéria central da análise do primeiro artigo – *Géopolitique des Religions* –, de autoria de Yves Lacoste. A análise geopolítica de *Choc des Civilisations* representa a denúncia do "simplismo" da obra de Huntington e, sobretudo, encontra nela a "expressão escandalosa das mais perigosas teses norte-americanas" (p. 7). A análise geopolítica e os conflitos religiosos não devem ser dominados por um choque de civilizações nem "entre a civilização muçulmana e a civilização ocidental". As idéias apresentadas no livro de Huntington reforçam o debate sobre religiões e geopolítica, já esclarecido em números anteriores de *Hérodote*: n. 94 – *Europe du Sud, Afrique du Nord* (1999); n. 56 – *Églises et Géopolitique*; e nos números 35 e 36 – *Géopolitique des Islams*, e retomada após 11 de setembro de 2001.

No artigo de Huntington, Yves Lacoste atribui inúmeros problemas em termos geopolíticos. Inicialmente ele trata as civilizações como conjuntos mais ou menos monolíticos, como se fossem entidades fechadas, lacradas, alheias a qualquer tipo de troca. Em seguida,

Lacoste ressalta a grande importância atribuída à dimensão espacial das religiões e a abstração aos seus subconjuntos políticos e culturais. Em geopolítica, "não podemos representar esses grandes conjuntos como se eles fossem comparáveis às placas da crosta terrestre", das quais os "geógrafos nos descrevem os deslocamentos, as fricções e as sobreposições" (p. 11). É verdade que essas grandes religiões se estendem por conjuntos continentais, mas as centenas de milhões de homens que neles vivem, mesmo se informados de rivalidades religiosas no plano mundial, na sua maioria não participam delas. Interna e externamente, se encontram crivadas de contradições herdadas de uma geo-história complexa.

Yves Lacoste nos leva a raciocinar em termos geopolíticos, isto é, levando em conta as rivalidades de poderes sobre territórios, os conflitos territoriais entre religiões se manifestam antes de tudo sobre os limites, as franjas ou as frentes onde elas estão em contato. Os conflitos, segundo Lacoste, se manifestam na periferia de cada conjunto religioso.

As rivalidades religiosas não remontam necessariamente a eras remotas da história. Já houve períodos de coexistência, quando dois grupos religiosos diferentes se viram obrigados a afrontar uma terceira força, como foi o caso, por exemplo, dos sérvios ortodoxos e croatas católicos contra os otomanos. Nos dias de hoje, os conflitos religiosos regionais se desenvolvem pelo efeito da difusão de idéias novas ou por contragolpes de relações de força mais ou menos distantes. Trata-se, sobretudo, das rivalidades territoriais, de maior ou menor envergadura, entre conjuntos políticos aos quais, com ou sem razão, são atribuídos denominações religiosas, cada um deles legitimando suas posições ou reivindicações territoriais, seus temores ou suas ambições demográficas pela idéia de que a sua é a única religião verdadeira, a sua é a civilização mais válida, e de que deve-se temer tudo dos fanáticos da religião rival.

A análise geopolítica de fenômenos religiosos também pode centralizar-se no dispositivo espacial de um poder religioso ou sobre a organização religiosa de uma sociedade, como demonstra Jean-Luc Racine, no artigo referente ao sistema ou castas na Índia.

A "purificação étnica" em territórios limitados, de populações que a cada dia mais se opõem em função de sua religião, é o que vem ocorrendo em Israel e na Palestina. Frédéric Encel relata o afrontamento, cada vez mais fanaticamente religioso para alguns, que assumiu formas de guerra-santa. Os conflitos de ideologias políticas e religiosas dos que professam a violência são os exemplos deste artigo.

Hoje, os conflitos político-religiosos não se restringem entre o mundo muçulmano e o ocidente judeu-cristão, ou entre Europa e a América como desejam alguns especialistas. É preciso notar que as rivalidades religiosas também se desenvolvem na África Tropical, na Nigéria, no Sudão, acompanhando a expansão do islamismo. Tais conflitos são abordados por Guy Nicolas e suas causas geopolíticas ligadas ao petróleo.

O debate *Religiões e geopolítica* fornece o argumento principal para afirmar que o afrontamento do Islã com o mundo judeu-cristão não se situa apenas no Oriente Médio e em torno do Mediterrâneo. Assume, hoje, uma dimensão mundial. O que importa é a expressão territorial do Islã e, acima de tudo, a defesa dos muçulmanos onde quer que eles estejam em conflito com cristãos, judeus, hindus ou chineses. Essas afirmações estão exemplificadas nos artigos que compõem o número 106 do *Hérodote*. São eles: *La Grande le Éthiopie, une reconquist revanche d'un djihad*, de Alain Gascon; *L'Église bulgare, les juifs bulgares et la question nationale*, de Emil Kazakov; *Em deçà du religieux "chinois"*, de Thierry Sanjuan; *Chrétiens et musulmans d'Indonésic: les limites de la tolérance*, de François Raillon; e *Religion et politique aux Etats-Unis: une pas si sainte alliance*, de Isabelle Richet.